
**ATRAVÉS DO ESPELHO DA ALICE: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA DE
PALAVRAS INVENTADAS NO POEMA JABBERWOCKY DE LEWIS
CARROLL¹**

Thalyta Lopes

Bernadette Barbara S.B. Bomfim

Centro Universitário Unieuro

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo analisar as unidades lexicais do poema *Jabberwocky* de Lewis Carroll, especificamente as unidades consideradas inventadas, não fazem parte do léxico da língua inglesa. Por meio de estudo morfológico, semântico e sintático, descreve-se os processos de criação de palavras adotados pelo autor. O estudo tem como fundamento teórico Lewis Carroll, Gardner (1990, 2002), Bastos (1996), Vasconcelos (2004), Thomaz (2013) e Ursul (2014). Valendo-se da metodologia descritiva-analítica (FONTELLES; SIMÕES; FARIAS; FONTELLES, 2009), aliado ao uso de árvores morfológicas (PARTEE; MEULEN; WALL, 1990).

Palavras-chave: Processos de formação de palavras; *Jabberwocky*, análise morfológica.

Abstract: This research aimed to analyze the lexical units that compose Lewis Carroll's *Jabberwocky*, specifically, the invented units, in other words, the ones that do not integrate the English language lexicon. Through the morphological, semantic and syntactic analysis, the word-formation processes were described. The study was based on the theoretical bases proposed by Lewis Carroll, Gardner (1990, 2002), Bastos (1996), Vasconcelos (2004), Thomaz (2013) and Ursul (2014). The method used was the descriptive-analytic (FONTELLES; SIMÕES; FARIAS; FONTELLES, 2009), along the use of morphological trees (PARTEE; MEULEN; WALL, 1990).

Key-words: Word-formation processes; *Jabberwocky*; morphological analysis.

Introdução

No curso de Letras, a disciplina Morfologia geralmente representa um grande desafio aos alunos por considerarem-na um tanto teórica e abstrata. O presente artigo visa apresentar um recorte de um estudo descritivo que aplica fundamentos de estudos morfológicos na análise dos processos de criação de palavras adotados por Lewis Carroll ao escrever o poema *nonsense* intitulado *Jabberwocky*. Espera-se que o texto possa subsidiar tanto estudos similares, quanto aos processos de ensino-aprendizagem de línguas maternas e estrangeira especialmente ao que diz respeito aprendizagem de novos vocábulos. Para tanto, apresenta-se uma breve contextualização e os fundamentos teóricos na primeira seção, seguida por uma descrição do procedimento de análise tripartite adotado e por final, apresenta-se os recortes de resultados obtidos. Ressaltamos que o termo palavra inventada foi convencionado para indicar as palavras novas encontradas no poema.

Fundamentos teóricos

Carroll e Alice, o autor e a obra

Nascido em 1882, na Inglaterra e falecido em 1898, Charles Litwidge Dogson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll “foi um grande romancista, poeta e matemático, e tornou-se mundialmente conhecido através de sua obra principal, Alice no País das Maravilhas” (SOUZA, 2014, p. 01).

Publicada em 1865, “Alice no País das Maravilhas” narra a história de uma garotinha, Alice, que vê um coelho branco de colete e decide segui-lo, ela acaba caindo em um buraco e adentra o País das Maravilhas, um lugar fantástico, povoado por criaturas estranhas, como a Duquesa, o Chapeleiro Louco, a Lebre de Março, o Gato de Cheshire e a Rainha de Copas.

A segunda parte da história de Alice foi lançada em 1871, com o título “Através do Espelho e o que Alice Encontrou por Lá”, dessa vez a menina atravessa o espelho e entra em uma partida de xadrez, cujas peças são personagens pitorescas, tais quais flores

falantes, os gêmeos *Tweedledee* e *Tweedledum* e *Humpty Dumpty*, é nesse livro que está o poema *nonsense* mais conhecido de Carroll, o *Jabberwocky*, ou Pargarávio na tradução, que se trata de uma paródia das epopeias que narravam a matança de dragões (ROSE, 1995).

Por apresentar um complexo jogo linguístico, bem como elementos surreais que permeiam o imaginário das crianças, a obra de Carroll encaixa-se dentro do gênero literário *nonsense*, cujas características serão brevemente explanadas a seguir.

Gênero literário *nonsense*

O gênero literário *nonsense* tem como autores mais conhecidos Lewis Carroll (1832-1898) e Edward Lear² (1812-1888), que “são, sem dúvida alguma, os maiores expoentes em se tratando do *nonsense* na literatura” (BASTOS, 1996, p.33). Em uma Inglaterra vitoriana moralista, esses autores “utilizaram a falta de unidade lógica para brincar e muitas vezes ridicularizar tradições da época” (CUNHA, 2012, p. 15).

Em relação a estrutura, o texto *nonsense* se vale da desconstrução de paradigmas, “transgressão” da lógica e das regras, tendo como característica a pluralidade de sentidos, bem como constantes distorções e transformações, entretanto:

Para desobedecer, com tanta graça, ao gramatical e ao pragmático, o *nonsense* tem uma forte lógica interna de funcionamento. É essa lógica que permite que o trocadilho seja entendido e o questionamento considerado válido. É preciso admitir a existência das regras para que seja possível transgredi-las. Ao utilizar a linguagem de maneira criativa e inesperada, o *nonsense* desafia a regra e a incorpora ao mesmo tempo. (THOMAZ, 2013, p. 57)

²Edward Lear foi um poeta e artista britânico, “um dos pais fundadores do *nonsense* literário” (O’SULLIVAN, 2010, p.155), que popularizou os *limericks*, pequenos versos humorísticos, sua obra literária é constituída por poemas e histórias “sem-sentido”, “caracterizados pela criatividade verbal” (O’SULLIVAN, *op.cit. loc.cit.*) e palavras inventadas, um dos seus poemas mais conhecidos é “*The Owl and the Pussycat*”, publicado em 1871.

Dessa forma, ao desenvolver o texto “*sem-sentido*”, os autores não ignoram totalmente as regras gramaticais, ou de construção textual, ao contrário, eles as conhecem profundamente, a ponto de se valer delas para conceber o absurdo.

Abandonamos formalmente a regra, o gramatical, mas ainda estamos na língua, [...] os textos de *nonsense* combinam um respeito minucioso às regras de gramática com a necessidade de transgredi-las todas, além da tentativa incessante do caos da linguagem. (BASTOS, 1996, p.34)

Outra característica evidente dos textos desse gênero literário é o jogo com as palavras, os autores se valem de trocadilhos, subvertem a semântica, combinam as palavras de maneiras novas e mesmo criam novos lexemas; como afirma “a escrita *nonsense* provoca a dicotomia, ao desconstruir a lógica a qual o leitor está acostumado por meio de jogos com a linguagem e com significados.” (THOMAZ, 2013, p. 56). Dessa forma, uma vez que os autores do *nonsense* se apropriam das regras linguísticas para manipular a linguagem, torna-se relevante compreender essas regras, nesse caso, os processos de construção de palavra, que serão brevemente conceituados a seguir.

Processos de criação de palavras

Nas seções seguintes serão brevemente introduzidos, os processos de formação de palavras, considerados nesse estudo, a saber afixação, derivação, inflexão, *compounding*, *coinage*, *blending*, *clipping*, *reduplication* e arcaísmo.

Afixação

“Afixação é o processo de adição de afixos” (MC-CARTHY, 2002, p. 141), afixos são “*bound morphemes* (morfemas livres) que se agregam as bases” (PLAG, 2002 p. 90), vale ressaltar que existem várias maneiras de classificar os afixos, entretanto, a forma menos problemática é defini-los de acordo com a posição que ocupam em relação a base, se são prefixos (anteriores a base) ou sufixos (posteriores a base) (PLAG, 2002). “Em inglês, os afixos mais importantes para o estudo da morfologia são os flexionais e derivacionais” (STEINBERG, 1985, p. 11), ela ainda

afirma “os sufixos flexionais “fecham” a possibilidade de a palavra receber outros” (STEINBERG, *op. cit. loc. cit.*), e não alteram a classe gramatical da palavra; enquanto os derivacionais “são na sua maioria, sufixos, existindo também alguns prefixos”, entretanto, “eles alteram a categoria gramatical da palavra a qual foram adicionados, deixando em aberto a possibilidade de outros sufixos serem adicionados” (STEINBERG, *op. cit. loc. cit.*).

Derivação

“O termo derivação é utilizado para todos os aspectos de estruturação de palavras, que envolvem afixação, contudo não são inflexionais” (MC-CARTHY, *op. cit.* p. 44), dessa forma, “novos lexemas que são formados com prefixos e sufixos em uma base, são frequentemente chamados de palavras derivadas, e o processo que as constrói é a derivação” (LIEBER, 2009, p. 33).

A função básica do processo derivacional é permitir que o usuário da língua forme novos lexemas [...] que pertencem a categorias gramaticais, tais quais S (substantivos), V (verbos) e Adj. (adjetivos), os lexemas derivados podem pertencer a uma categoria distinta das suas bases. (BOOJI, 2005, p. 51)

Tendo isso em vista, fica claro que a derivação permite ao usuário criar novas palavras, partindo, na maioria das vezes, de bases já existentes. Os sufixos derivacionais agregam-se a classes abertas (substantivos, advérbios, verbos e adjetivos), ou seja, classes de palavras que admitem novos lexemas com facilidade.

Inflexão

A inflexão “refere-se à formação de palavras que não modifica a categoria e não cria novos lexemas, ao invés disso, muda a forma do lexema para que ele se encaixe em contextos gramaticais diferentes” (LIEBER, 2009, p. 88), esses contextos podem implicar transformações em relação ao número, pessoa, tempo verbal.

Compounding

O processo de formação de palavras denominado *compounding* refere-se a “palavras compostas por duas ou mais bases [...] em inglês usamos bases livres para compor os *compounds*” (LIEBER, 2009, p. 43); sendo assim, nenhuma das palavras utilizadas em *compounds* perdem unidades fonéticas ou morfemas. Ainda, existem os *exocentric compounds* e os *endocentric compounds*, os primeiros, só possuem significado com uma palavra externa ao *compound*, em outras palavras, essa composição só faz sentido quando está atribuída a um sujeito; quanto aos *endocentric compounds*, sua unidade semântica está dentro do *compound*, dessa forma, possui sentido completo, sem a necessidade de um sujeito (PLAG, 2002).

Conversion

Outra possibilidade para a formação de palavras é o processo denominado *conversion*, esse processo consiste em formar novos lexemas modificando sua categoria gramatical, ou seja, “mudar a categoria de um lexema já existente, sem adicionar um afixo” (LIEBER, 2009, p. 49). É importante ressaltar que nesse processo o lexema não sofre qualquer alteração na sua forma.

Em inglês, o processo de conversão é utilizado para criar verbos a partir de substantivos, como na conversão de *table* (mesa), para *to table* (por a mesa); substantivos a partir de verbos, *to kick* (chutar), para a *kick* (chute); e criar verbos a partir de adjetivos, como em *cool* (frio) para *to cool* (esfriar).

Coinage

Coinage é definido como o processo de “criar palavras inteiramente novas” (LIEBER, 2009, p. 51), entretanto, “nós raramente formamos palavras novas, ao invés disso, escolhemos reciclar bases e afixos em diferentes combinações” (LIEBER, *op. cit. loc. cit.*); uma vez combinados os morfemas, é interessante considerar que “nem todas as *coinages* possuem uma morfologia específica, [...] o modo mais simples de criar um

neologismo é produzir uma corrente de fonemas distinta de qualquer outra já vista” (LECERCLE, 2002, p. 38).

O significado que os neologismos possuem “podem ser computados a partir do significado das suas partes” (HARLEY, 2003, p. 97), ou seja, é possível determinar o sentido de uma palavra inventada partindo do significado atribuído aos seus constituintes menores, os morfemas, que, “agregam seu próprio sentido a palavra” (HARLEY, *op. cit.* p. 99), e “compõe o sentido da palavra como um todo” (HARLEY, *op. cit. loc. cit.*); além disso, existe outra possibilidade para determinar o sentido de um neologismo, o contexto, o qual “frequentemente esclarece qual o que uma palavra pretende expressar.” (LIEBER, *op. cit. loc. cit.*).

Blending

Outra possibilidade para formar palavras é o *blending*, definido como “um processo de formação de palavras nas quais partes de lexemas, que não são morfemas, são combinados em um novo lexema”, (LIEBER, 2009, p. 52) as palavras oriundas desse processo também podem ser denominadas *pormanteau word*.

A constituição de um *blending* evolve, geralmente, duas palavras base, que “deletam material de uma ou das duas palavras-fonte”(PLAG, 2002, p. 156), ou seja, para construir *blends*, “pelo menos um dos elementos constituintes é reproduzido parcialmente” (MC-CARTHY, 2002, p. 65); vale ressaltar, que essas palavras “denotam entidades que compartilham propriedades de ambos elementos referenciais” (PLAG, *op. cit. loc. cit.*).

Clipping

Clipping é outro processo menor para a formação de palavras na Língua Inglesa, trata-se de “criar novas palavras encurtando aquelas já existentes” (LIEBER, 2009, p. 53); são exemplos de clipping as palavras *lab* (clipping de *laboratory*, laboratório em

português), *phone* (*clipping* de *telephone*, telefone em português); observando esses *clippings*, é válido trazer as proposições de Plag (2002), que afirma que *clippings* geralmente baseiam-se nas letras iniciais da palavra-base.

Além disso, *clippings* “dividem uma função em comum, com a palavra-base” (PLAG, *op. cit.* p. 154), em outras palavras, durante esse processo, a categoria gramatical das palavras não é alterada, sendo assim, *clippings* de substantivos, permanecem como substantivos, *clippings* de verbos permanecem como verbos, e assim sucessivamente.

Reduplication

Reduplication (algo como “repetição”, em português), trata-se de um processo morfológico, no qual “a raiz de uma palavra (ou parte dela), ou mesmo a palavra inteira é repetida, inteiramente ou com uma ligeira mudança” (URSUL, 2014, p. 09), esse processo é frequentemente utilizado pelos autores do gênero literário *nonsense*, para denominar criaturas imaginárias ou locais; esse recuso é, também, recorrente nas histórias infantis, como nos textos de Lewis Carroll e de Edward Lear.

Arcaísmo

Arcaísmos são expressões de uma língua que caíram em desuso, dessa forma, “palavras arcaicas não são consideradas *nonsense*. Contudo, mudanças na escrita podem causar um efeito *nonsense*” (URSUL, 2014. p. 08). Quanto a formação de palavras, autores, como Lewis Carroll, utilizam arcaísmos junto a morfemas derivacionais ou inflexionais para criar novas palavras, ainda, “o uso de afixos arcaicos também causa um efeito *nonsense* em determinado contexto” (URSUL, *op. cit., loc. cit.*).

É importante salientar que novas unidades lexicais são criadas com a ajuda de vários mecanismos, em outras palavras, os processos de formação de palavras

supracitados podem ser combinados, com o objetivo de criar novas palavras. Apresentados alguns aspectos morfológicos que fundamentaram esse estudo, introduzimos o procedimento de análise aplicado.

Metodologia

Abordagem da pesquisa

A presente pesquisa enquadra-se na área de linguística, “a disciplina que estuda cientificamente a linguagem³” (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2012, p.15); especificamente no âmbito da linguística descritiva, definida como “a disciplina que estuda as línguas em termos de suas estruturas internas” (GLEASON JR, 1961, p. 03), dessa maneira, considera aspectos de forma, função e regras de uso da língua analisada. O método adotado é o descritivo analítico (FONTELLES; SIMÕES; FARIAS; FONTELLES, 2009), aliado ao uso de árvores morfológicas (PARTEE; MEULEN; WALL, 1990).

Procedimento de análise

Seguimos apresentando os procedimentos para análise dos dados, adotamos um modelo de análise tripartite, considerando a morfologia, a semântica e a sintaxe das palavras inventadas. Todas as palavras do poema foram classificadas, de acordo com as classes de palavras existentes na gramática, considerando as propriedades gramaticais propostas por Serpa (1996); Ameka (1992); Huddleston (1998); Harley (2003); Rardford (2004a); Radford (2004b) e Lester (2009). Em seguida, verificamos quais palavras existiam e quais eram inventadas por Lewis Carroll, para isso, utilizamos dicionários em Língua Inglesa, três virtuais e dois impressos, analisamos apenas as palavras inventadas.

³ “Quando falamos que os linguistas estudam a linguagem, queremos dizer que, embora observem a estrutura das línguas naturais, eles não estão interessados apenas da estrutura particular dessas línguas, mas nos processos que estão na base da sua utilização como instrumento de comunicação” (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, *op. cit.*, p.15)

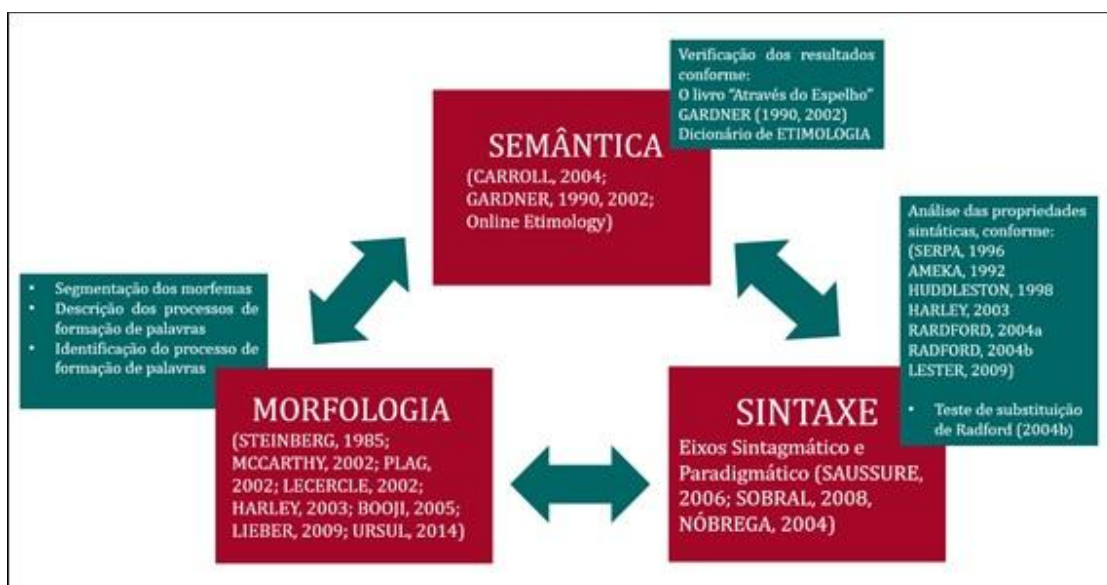
O aspecto semântico, se valeu de duas vertentes: os significados expressos no Capítulo 6, do livro “Através do Espelho”, intitulado “*Humpty Dumpty*”, com o auxílio das análises propostas por Martin Gardner, em “*The Annotated Alice*”, e o estudo etimológico das palavras inventadas.

Prosseguimos com a identificação dos morfemas, que possam ter sido utilizados por Carroll, a análise se vale da desconstrução da estrutura morfológica das palavras. Com o objetivo de tornar mais clara a segmentação dos morfemas que compõem as palavras estudadas, optou-se por utilizar árvores morfológicas, esses diagramas são compostos por “pontos, que são associados a linhas chamadas de galhos, cada um deles associados a um rótulo” (PARTEE; MEULEN; WALL, 1990, p. 440), vale ressaltar que os diagramas de árvore oferecem três informações básicas sobre o objeto analisado, “o grupo hierárquico das partes constituintes; o tipo gramatical de cada constituinte; a ordem dos constituintes da esquerda para a direita” (PARTEE; MEULEN; WALL, *op. cit.* p. 439), sendo assim, os diagramas de árvore oferecem suporte visual para a análise dos morfemas que compõem as palavras inventadas.

Após a identificação dos morfemas, consultamos o dicionário de etimologia para buscar o significado das bases, e dessa forma, atribuir um possível sentido semântico para as palavras inventadas, bem como descrever quais os processos foram, possivelmente, utilizados para formar as palavras cunhadas por Carroll, como descritos por Steinberg (1985); McCarthy (2002); Plag (2002); Lecercle (2002); Harley (2003); Booji (2005); Lieber (2009) e Ursul (2014).

O último aspecto considerado foi o sintático, em outras palavras, a relação que as palavras inventadas estabelecem com o contexto, e com outras palavras. Esse aspecto foi considerado, com o objetivo de confirmar a categorização gramatical das palavras inventadas, para isso aplicamos o teste de substituição de Radford (2004). A Figura 1 apresenta o procedimento de análise adotado. Descritos o procedimento de análise aplicado, seguimos com a apresentação do recorte dos resultados obtidos.

Figura 1. Síntese do modelo de análise tripartite adotado.



Análise dos resultados

Essa seção apresenta um recorte dos resultados obtidos no estudo, ressaltamos que todas as palavras inventadas identificadas no poema foram analisadas, contudo,

escolhemos mostrar o processo de análise de apenas duas, um substantivo e um verbo. A seção seguinte traz a transcrição do Jabberwocky, em língua inglesa.

O poema

Jabberwocky

*'Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe.*

*'Beware the **Jabberwock**, my son!
The jaws that bite, the claws that catch!
Beware the Jubjub bird, and shun
The frumious Bandersnatch!'*

*He took his vorpal sword in hand:
Long time the manxome foe he sought
So rested he by the Tumtum tree,
And stood awhile in thought.*

*And as in uffish thought he stood,
The Jabberwock with eyes of flame,
Came whiffling through the tulgey wood,
And burbled as it came!*

*One, two! One, two! And through and through
The vorpal blade went snicker-snack!
He left it dead, and with his head
He went galumphing back.*

*'And hast thou slain the Jabberwock?
Come to my arms, my beamish boy!
O frabjous day! Collo! Callay!
He **chortled** in his joy!'*

*'Twas brillig, and the slithy toves
Did gyre and gimble in the wabe
All mimsy were the borogoves,
And the mome raths outgrabe.*

As palavras grifadas em negrito foram as selecionadas para ilustrar os resultados da análise, foram elas: *Jabberwocky* e *chortled*. Cujo estudo consta nas seções subsequentes.

Jabberwocky

Jabberwock é uma palavra inventada que aparece no poema *nonsense Jabberwocky*, ela dá nome a criatura fantástica, cuja história é contada na poesia; tomando por base o sistema de análise utilizado, a Figura 2 apresenta a síntese da análise realizada.

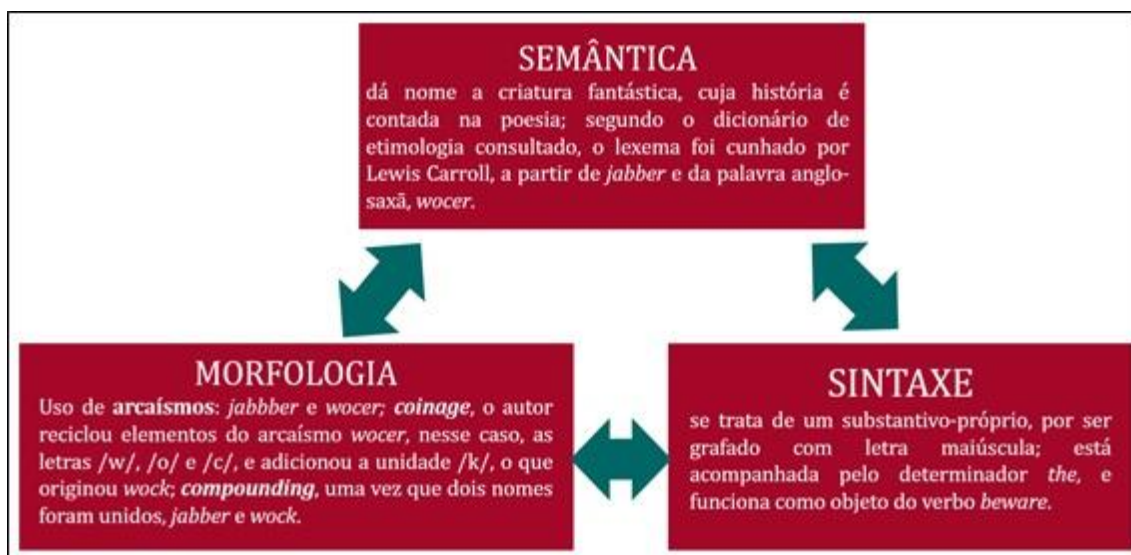


Figura 2. Análise da palavra inventada Jabberwocky.

Como visto na Figura 2, para construir no nome da criatura, é possível inferir o uso de *compounding*, uma vez que dois nomes foram unidos, *jabber* e *wock*, e nenhum deles perdeu unidades fonéticas, o que descarta o uso de *blending*. A Figura 3 traz a representação desse processo.

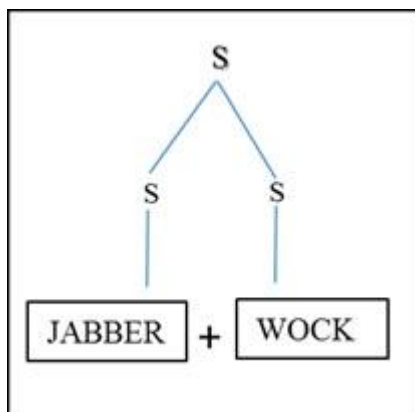


Figura 3. Representação do processo de *compounding*, identificado da estrutura da palavra inventada *Jabberwock*; os nomes *jabber* e *wock* (originado por *coinage*) foram unidos e não perderam unidades fonéticas.

Como visto na Figura 3, a palavra pertence à classe dos substantivos, tal categorização é confirmada pela palavra dar nome a algo, nesse caso a criatura, além disso, podemos inferir que se trata de um substantivo-próprio, por ser grafado com letra maiúscula, esse aspecto é ressaltado por Lester (2009).

Outro aspecto que corrobora com a categorização de *Jabberwock* como um substantivo é o contexto no qual a palavra está aplicada; primeiramente, ela está acompanhada pelo determinador *the*, e funciona como objeto do verbo *beware*; com o objetivo de verificar a categorização proposta, realizamos o teste de substituição de Radford, ilustrado na Figura 4.

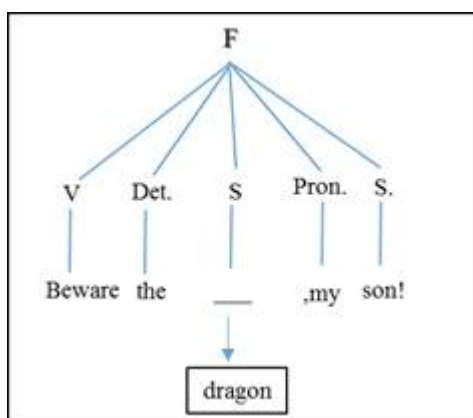


Figura 4. Teste de Radford (2004) para verificar se *Jabberwock* pertence a categoria dos substantivos; trocamos a palavra inventada pelo substantivo *dragon* (dragão), e constatamos que o verso não sofreu alterações estruturais, o que confirma que a palavra inventada é aceita como um substantivo.

Considerados os aspectos apresentados, podemos inferir que a palavra inventada pertence à categoria dos substantivos, e foi construída a partir dos processos de *compounding* e *coinage*. A próxima seção mostra os resultados da análise da palavra inventada *chortled*.

Chortled

A palavra inventada *chortled* aparece no vigésimo quarto verso do poema *nonsense Jabberwocky*, e é definida como “a união de *chuckle* e *snort*” (GARDNER, 1990, p. 165). A Figura 5 apresenta a síntese da análise feita para essa palavra.

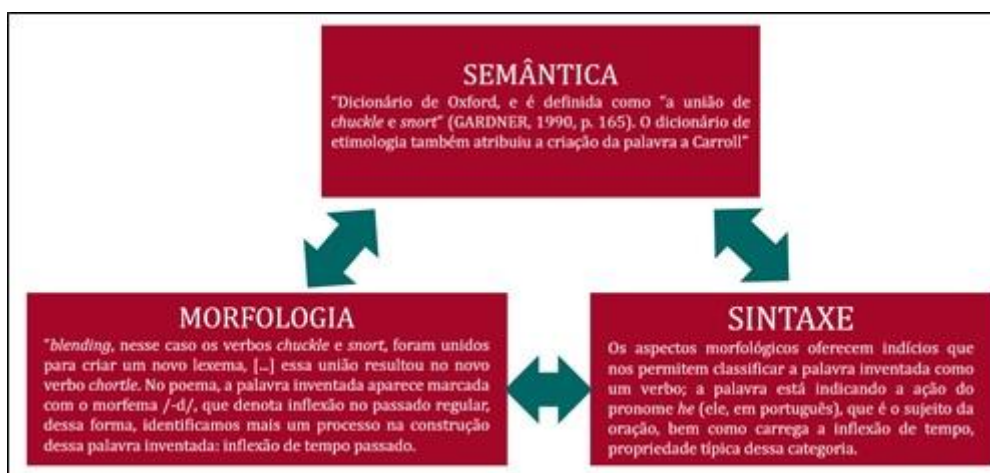


Figura 5. Análise tripartite realizada para a palavra inventada *Chortled*.

Baseado na análise, identificamos o processo de *blending* na construção da palavra inventada, uma vez que palavras da mesma categoria gramatical, nesse caso os verbos *chuckle* e *snort*, foram unidos para criar um novo lexema. No poema, a palavra inventada aparece marcada com o morfema */-d/*, que denota inflexão no passado regular,

dessa forma, identificamos mais um processo na construção dessa palavra inventada: inflexão de tempo passado. A Figura 6 traz a representação desses processos.

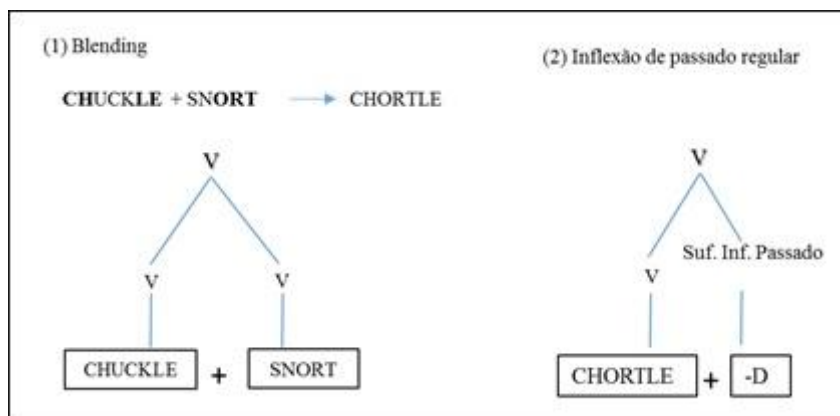


Figura 6. Representação dos processos que originaram a palavra inventada *chortled*; (1) *blending*, e (2) inflexão de tempo passado.

Os aspectos morfológicos oferecem indícios que nos permitem classificar a palavra inventada como um verbo; contextualmente, a palavra está indicando a ação do pronome *he* (ele, em português), que é o sujeito da oração, bem como carrega a inflexão de tempo, propriedade típica dessa categoria. Com a finalidade de verificar se *chortled* pertence a categoria dos verbos, aplicamos o teste de substituição de Radford (2004). A Figura 7 traz a representação desse processo.

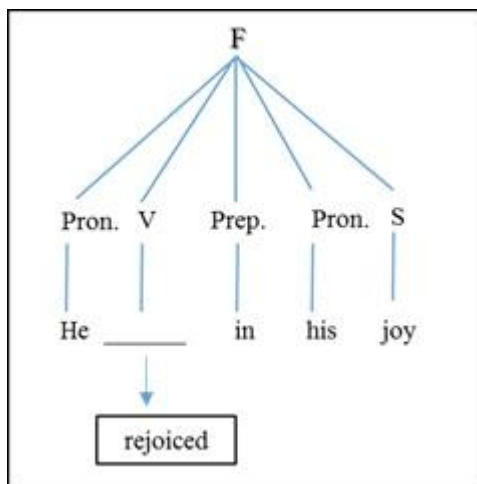


Figura 7. Teste de Radford (2004) para verificar se *chortled* pertence à classe dos verbos; trocamos a palavra inventada pelo verbo *rejoiced* (regozijou); constatamos que o verso não sofreu alterações estruturais, o que confirma a categorização proposta.

Baseado nos resultados da análise, a palavra inventada pertence a categoria dos verbos, sendo formada pela junção dos processos de *blending* e inflexão de tempo. A seção a seguir traz as considerações finais do estudo.

Considerações Finais

O presente artigo apresentou um recorte dos resultados da monografia “Autor, 2016”. Ele é relevante pois foi o primeiro a estudar todas as palavras inventadas do poema, sob um ponto de vista analítico tripartite, ou seja, considerando a semântica, a morfologia, nesse caso os processos de formação de palavras, e a sintaxe, com a identificação das categorias gramaticas a partir das propriedades sintáticas das palavras inventadas; destacamos que essa foi a primeira pesquisa a propor a análise sob esses três vieses, tendo em vista que as obras consultadas (GARDNER, 1990; LE CERCLE, 2002; GARDNER, 2004; URSUL, 2014; KHARKWAL, 2014), consideravam apenas o aspecto semântico, sintático ou morfológico individualmente.

Os resultados obtidos podem subsidiar estudos similares, bem como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de morfologia, funcionando como uma ferramenta didática no ensino dos processos de construção de palavra e sintaxe a nível lexical.

Por se tratar de um estudo inédito, faltaram bases teóricas que permitissem a comparação dos resultados obtidos. Devido à falta de tempo, não foi possível realizar uma análise sintática mais complexa, ou seja, a nível de oração e sentença, dessa forma, a pesquisa se limitou a análise a nível de palavra e morfema. No que concerne aos fundamentos teóricos, a ausência de textos em língua portuguesa que abordassem as particularidades morfológicas e sintáticas da língua inglesa, demandou um período maior de leitura e transcrição do conteúdo relevante para o estudo, para que não houvessem incoerências ou erros de interpretação na pesquisa.

O modelo de análise tripartite proposto também tem potencial de funcionar como recurso didático no ensino de morfologia, sendo que a aplicação do método em sala de aula, utilizando palavras inventadas ou não, ainda carece de estudos mais aprofundados. Por fim, esse estudo também pode embasar análises mais complexas e aprofundadas acerca das palavras e línguas inventadas nas obras de ficção.

Referências Bibliográficas

AMEKA, Felix. *Interjections: The universal yet neglected part of speech*. In: **Journal of Pragmatics**. n. 18. North-Holland. 1992.

BASTOS, Lúcia Kopscitz Xavier. **Anotações sobre leitura e nonsense**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BOOIJ, Greet. **The Grammar of Words, an Introduction to Linguistic Morphology**. Estados Unidos. Oxford University Press. 2005

CARROLL, Lewis. **Alice's Adventures in Wonderland & Through the Looking Glass**. Londres. Collectors Library. 2004.

CUNHA, Gabriel. Se essa monografia tivesse cabelo – Um estudo do nonsense na publicidade. Departamento de Audiovisuais e Publicidade – Faculdade de Comunicação – Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

FONTELES, Mauro José; SIMÕES, Miranda Garcia; FARIAS, Samanta Hasegawa; FONTELES, Renata Garcia Simões. **Metodologia da Pesquisa Científica: Diretrizes para elaboração de um protocolo de pesquisa**. 2009.

GARDNER, Martin. **Alice: Edição Comentada**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro. Zahar. 2002.

GARDNER, Martin. **The annotated Alice: Alice's adventures in Wonderland & Through the looking-glass** / por Lewis Carroll; com ilustrações de John Tenniel; atualizado e com anotações de Martin Gardner. — Edição Definitiva. W.W. Norton. Nova Iorque. 1990.

GLEASON JR, H.A. **Introdução a linguística descritiva**. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 1961.

HARLEY, Heidi. **A Linguistic Introduction to English Words**. University of Arizona. 2004.

HUDDLESTON, Rodney. **English Grammar: an outline**. Cambridge University Press. 1998.

LESTER, Mark. **English Grammar Drills**. Mc-Graw Companies. Estados Unidos.

LECERCLE, Jean-Jacques. **Philosophy of Nonsense**. Taylor e Francis e-Library. 2002.

LIEBER, Rochelle. **Intoducting Morphology**. Estados Unidos. Cambridge University Press. 2009.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2009. 254 p.

MCCARTHY, Andrew. **An Introduction to English Words**. Endinburgh University Press. 2002.

O'SULLIVAN, Emer. Historical Dictionary of Children's Literature. 2010. p. 155.

ONLINE ETMOLOGY DICTIONARY. Dicionário de etimologia virtual. Disponível em <<http://www.etymonline.com/>> Acesso em out. de 2015.

PARTEE, Barbara H; MUELEN, Alice Ter; WALL, Robert E. **Mathematical Methods in Linguistics**. Dordrecht, Boston: Kluwer Academic Publishers, 1990.

PLAG, Ingo. Word-Formation In English. In: **Cambridge Textbooks in Linguistics**. Cambridge University Press. 2002.

RADFORD, Andrew. **English Syntax: An Introduction**, Cambridge University Press, Cambridge. 2004.

RADFORD, Andrew. Minimalist Sytax: Exploring the structure of English. Cambridge Textbooks in Liguistics. 2004.

ROSE, Adam. Lewis Carroll's Jabberwocky, Nonsense Not-Nonsense. In: Language and Literature. 1995.

STEINBERG, Martha. **Morfologia Inglesa: noções introdutórias**. Série Princípios. São Paulo. Editora Ática. 1985.

THOMAZ, Nathalia Xavier. O grotesco e o nonsense de Alice: diálogos desafiadores nas produções culturais para crianças e jovens. **LITERARTES**, n.2, 2013.

URSUL. Natalia V. The peculiarities of nonsense at lexemic level. In: International Academic Conference on Social Sciences and Humanities in Prage. 2014.

VASCONCELOS, Filomena Aguiar. Sentidos do não-sentido: contributos para uma reflexão sobre a escrita nonsense. **Revista da Faculdade de Letras "Línguas e literaturas"**, Porto, vol. XV, pp. 35-56, 1998.

VASCONCELOS, Filomena Aguiar. **Nonsense: a lógica do jogo das coisas ilógicas**. 2004.